

CRÔNICAS E ARTIGOS

HOWARD HUGHES CARIOCA

Samuel Wainer

Por Trás da Cortina

Revista Status

Maio de 1979

“Numa de suas últimas edições, o JB do Rio estampa uma foto em que aparecem juntos o ministro da Fazenda, Karl Rischbieter, o governador Chagas Freitas e o presidente do Banco do Estado do Rio, sr. **José Magalhães Lins**, De óculos escuros, bem escuros, aliás, cara secreta, esta foi uma das raras vezes que **José Luís** apareceu na imprensa carioca nesses últimos anos. Entretanto, ele já foi uma das pessoas mais solicitadas, faladas e queridas do Rio. Sobrinho de Magalhães Pinto, **José Luís** ascendeu ao posto máximo da direção do Banco Nacional do Rio. O seu gabinete era a encruzilhada de alguns líderes políticos e militares dos mais importantes do país. Sua influência direta junto às direções e os principais diretores e redatores dos jornais cariocas era quase dogmática. Ninguém melhor do que ele para compor situações nos bastidores, reconciliar adversários, financiar e animar valores, como ocorre no chamado Cinema Novo. Subitamente **José Luís** sumiu do cenário.

Ninguém sabe até hoje por que ele se afastou da direção do Banco Nacional, rompendo inclusive suas relações pessoais com o próprio tio e protetor, Magalhães Pinto. Segue-se a ruptura sem maiores explicações com todos os amigos de Magalhães, alguns dos quais eram como irmãos do próprio **José Luís**. Ele ressurgiu pouco depois na presidência da Light, onde em menos de seis meses largou o cargo e submergiu em seu palácio ao pé do Corcovado, na rua Icatu, em Botafogo, mais protegido do que numa fortaleza atômica na Pensilvânia. Agora, **José Luís** ressurgiu. E num modesto cargo público. Que haverá por trás dessa decisão de **José Luís**, íntimo amigo e confidente de Chagas Freitas? Uma vaga ligação com a ascensão de Chagas em 81 é permissível de se estabelecer com o retorno dessa espécie de Howard Hughes nacional, como alguns amigos gostam de chamar o imprevisível **José Luís de Magalhães Lins**.”

SAMUEL WAINER



POR TRÁS DA CORTINA

Esta coluna foi criada por Flávio Rangel. Mas um conflito de consciência profissional, entre o dramaturgo e o jornalista, fez com que Flávio optasse pelo palco. Só por isso é que este velho colunista aqui está. Não pôde resistir aos argumentos e às tentações de Mairim e Mônica, seus dois leais companheiros de *Stilhos*.

Aliás, a função não é das mais surprecedentes para mim. Previsivelmente em 1948 eu lancei no *Diário da Noite*, do Rio, pertencente à cadeia de Charabamband, uma coluna com esse mesmo título, Por Trás da Cortina. Parecia-me que era a primeira coluna de estilo americano que surgia na imprensa brasileira. O nosso colunismo de então — ainda chamado de crônica — era dominado por um só assunto, a sociedade, o que é hoje conhecido por *jet, beautiful people, café society*. Quem dominava o colunismo de então como um imperador era o Juízinho de Ilhormes, ele mesmo, cujo nome autêntico é Manoel Bernardes Müller, descendente de ilustre família brasileira. Seu avô fora Laura Müller, o chanceler do Brasil na guerra com a Alemanha, em 1918.

Mameco começou revolucionando o colunismo social no velho *Diário Carioca*, com uma nova e irreverente linguagem. Em seguida partiu para a promoção das “dez mais elegantes”. Daí nasceu o “casal 20”, formado por Didi e Therezinha Souza Campos, assim chamados por fazerem parte sempre da seleção das dez mais elegantes do ano. Da antiga sociedade sub-colonial ainda sobrevivia Gilberto Trompowsky, mas a maioria-prima de suas colunas compartilhava-se mais da musselina cor-de-rosa dos vestidos e dos serviços em prata e ouro dos jantares elegantes e da moda da época. Ibrahim Sued ainda era um hesitante bonifratel de pequenas revistas e dava seus primeiros passos em direção à coluna Zuni-Zuni, na *Vanguarda*, do Rio, jornal de reduzida circulação e pouco prestígio.

Em São Paulo, sociedade muito mais fechada, o colunismo

social era praticamente inexistente. Eis por que uma reportagem de Joel Silveira, na revista *Diálogos*, no começo dos anos 40, intitulada Grã-finos em São Paulo, causou na ocasião um rebulido quase revolucionário. Colhendo algumas informações com Di Cavalcanti, então pintor da moda, e tendo como guia o comparecer a uma festa do gentleman Roberto Monteiro, Joel lançou expressões como “peruacho”, “pingentes”, pois a classificação de grã-finos foi o escritor Henrique Pungetti que criou. Imagine-se, pois, o escândalo que causou minha coluna Por Trás da Cortina, no *Diário da Noite*, quando, juntamente com indicações políticas sobre o go-

verno do general Dutra, eu falava no primeiro contrato milionário do *slavo business* da época, um contrato assinado entre a cantora Lúcia Bariza e o Cassino da Uca. Mas esse era o espírito dos colunistas americanos, de que o maior era Walter Winchell, criador de monstros sagrados como Drew Pearson, Gigi Cassini, Jack Anderson. Hoje o colunismo brasileiro (afinal Daniel Mís é tão bom ou melhor que um Andy Warhol) evoluiu todo para o estilo americano. É um colunismo de “aldeia global”, onde cabe de tudo: fofocas, negócios, política, moda, arte. Gilbr, Mik e o saudoso Meninão foram os que alcançaram o ponto mais representativo do colunismo paulista. O Rio parava e perdia importância com a mudança da capital para Brasília. Mas Zózzimo, Swann, Hildegarde mantêm o velho *journal de carioca*. São Paulo transformava-se num dos campos de uma sociedade em mudança (*so changing society*) mais intensa do mundo. Nem mesmo a Swinging London dos anos 60, quando os Beatles e Mary Quant libertavam o velho Império de suas hipocrisias moralistas, atingiu a explosividade de São Paulo. Não há de ser por outra razão, certamente, que este comentarista mal-husado reconheça nas páginas de *Stilhos*, com o seu Por Trás da Cortina, a longa jornada de quase cinco décadas.

HOWARD HUGHES CARIOCA

Numa de suas últimas edições, o *JB*, do Rio, estampou uma foto em que apareceram juntos o ministro da Fazenda Karl Rischbieter, o governador Chagas Freitas e o presidente do Banco do Estado do Rio, sr. José Magalhães Lins.

De óculos escuros, bem escuros, aliás, cara severa, esta foi uma das raras vezes que José Luiz apareceu na imprensa carioca nesses últimos anos. Entretanto, ele já foi uma das pessoas mais solicitadas, faladas e queridas do Rio. Solitário de Magalhães Pinto, José Luiz ascendeu ao posto máximo de direção do Banco Nacional do Rio. O seu galinete era a encruzilhada de alguns líderes políticos e militares, dos mais importantes do país. Sua influência direta

junto às direções e os principais diretores e redatores dos jornais cariocas era quase dogmática. Ninguém melhor do que ele para compor situações nos bastidores, reconciliar adversários, manter e animar valores, como ocorreu no chamado Cinema Novo. Suficientemente José Luiz sumiu do cenário.

Ninguém sabe até hoje por que ele se afastou da direção do Banco Nacional, rompendo inclusive suas relações pessoais com o próprio tio e patrono,

Magalhães Fimco. Segue-se a ruptura, sem maiores explicações com todos os amigos de Magalhães, alguns dos quais entram com as mãos de próprio José Luís. Ele messagiza pouco depois, na presidência da Engha, mas em poucos de seis meses largou o cargo e submergiu em seu parlão ao pé do Conexarda, na rua Licut, no Botafogo, mais protegido que uma fortaleza anômica na Pensilvânia. Agora, José Luís ressurge. E num



O que significa este novo jugo de José Luís Magalhães Fimco?

modesto cargo público. Que haverá por trás dessa decisão de José Luís, intimo amigo e confidente de Chagas Freitas? Uma vaga ligação com a sucessão de Chagas em SE é possível de se estabelecer como o netinho dessa espécie de Howard Hughes nacional, como alguns amigos gostam de chamar o imprevisto José Luís Magalhães Lins.



Maluf, sempre sorrindo. E o povo, vaiando.

A VOLTA DA VAIA

O sr. Paulo Maluf é o responsável por um comportamento que parecia ter saído definitivamente dos hábitos brasileiros: a vaia. No festival de Vinícius e Toquinho, no Tuca, comemorando os dez anos de atuação da dupla, o produtor Fernando Faro teve a idéia de acompanhar o show com slides dos acontecimentos mais importantes dessa última década no país. E quando a foto do sr. Paulo Maluf aparecia na tela, ouvia-se invariavelmente uma ensurdecedora vaia. Fosse qual fosse o público presente, fosse qual fosse a faixa etária dominante. Aliás, essa vaia eclode também inevitavelmente em todos os cinemas onde de quando em vez um documentário traz à tela a imagem sempre sorridente do novo governador de São Paulo.

JOSÉ CELSO PAROU

Numa festa realizada no Teatro Oficina, há dias, José Celso poderia ter verificado pessoalmente que, enquanto o Brasil tinha avançado léguas em outras direções culturais, ele, Zé Celso, permaneceu parado. Sempre inteligente, mas sempre à procura de um lugar de comando na renovação teatral do Brasil, José Celso contou suas andanças e falou ao público presente à sua festa no Oficina. Mas parece que não despertou muita atenção ou não pôde se fazer entender. Apelou então para a sua bela e eterna musa, Itala Nandi. Fracasso total. Itala também já não era a mesma. Zé Celso está perplexo. E à procura de um Brasil que ele não encontrará mais. Se não se atualizar, renovar e adaptar a esse novo Brasil dos Lulas, que são precisamente aqueles que Zé Celso sempre procurou cortejar, mas hoje são os que menos o conhecem e aceitam a sua dramaturgia.



Carlos Brandão, transmitiu ao sr. de ocasião, angústia ao denunciar qualificações.

A DURA REALIDADE

Numa reunião reservada com cerca de vinte dos banqueiros mais top de São Paulo, o sr. Carlos Brandão, presidente do Banco Central, confessou melancolicamente aos seus angustiados auditores: "Prefiro uma recessão por dois anos, com seu cortejo de falências, desempregos, agitação social, a viver esses dois anos sob o regime de inflação descontrolada em que estamos."

CONFIDENCIAL

Procure, obter uma assinatura de uma carta econômica confidencial editada em São Paulo, sem fins lucrativos, por um dos seus mais brilhantes e cultos homens de sociedade e exatíssimos financeiros. Trata-se de Geraldo Barbosa, ligado a poderoso grupo bancário. Por um *hobby*, pois Geraldo, além de escrever muito bem, é extremamente bem-informado, resolveu editar uma carta de circulação restrita e reservada a empresas e amigos interessados em saber e interpretar o que vai pelo mundo das finanças. O boletim de Geraldo está na linha das famosas cartas confidenciais americanas que, como a *Elanson Edition*, por exemplo, constroem as fontes mais seguras de informações políticas, parlamentares, econômicas, científicas, sociais. No Rio, um grupo de jornalistas edita um *Boletário Reservado*, que já está, aliás, no seu XIII ano, e que também vale a pena conhecer. Em Brasília, Luis Gutenberg, o célebre editor de *Insol*, já está com sua carta confidencial quase no prelo.



Murilo Macedo x Olavo Setúbal: a guerra pelo Palácio dos Bondifrentes.



1984, UMA INTERROGAÇÃO

Para muitos, 1984 é data fatal em que o futurólogo Orwell previu o estabelecimento da ditadura eletrônica no mundo. Para o sr. Murilo Macedo, nosso ministro do trabalho, 1984 é o ano em que procurará tornar-se o novo governador de São Paulo. Para quem conhece a malícia e a pertinácia desse ministro suave e sorridente, a profecia não deve ser considerada um absurdo, nem uma bravata. Pelo menos o sr. Olavo Setúbal, outro nome vinculado a 1984, não pretende brincar em serviço em se tratando de um competidor como Murilo Macedo. Mas, naturalmente, tudo isso depende de uma simples resposta: e Maluf conseguirá chegar a 1984? ■